

SBS - XII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

GT 05 – ETNICIDADE E RAÇA

O GADO COMO REGISTRO DAS RELAÇÕES SOCIAIS NO SERTÃO

Pedro Fernandes de Queiroz

(Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA)

Este trabalho visa apresentar, baseando-se em notas de pesquisa e da literatura referente à região do Seridó, no sertão norte-rio-grandense, a criação do gado como estruturadora da vida material e simbólica do sertão. Se num primeiro instante a pecuária serviu de motivação econômica para ocupação do sertão. Noutra instante, com a consolidação do povoamento, os corpos das reses serão usados enquanto espaços de representação para indicar o pertencimento de lugar, de propriedade, de parentesco, de raça por meio do ato de “ferrar”. Vejamos.

O sertão é tão vasto quanto o infinito. Porém, sua infinitude extingui-se por ser a “distância um cálculo” mensurável por um padre-de-nosso, por luas, por vidas. Nesta imensidão descomunal homens partem com certezas alicerçadas na fé das igrejas para enfrentarem o desconhecido.

Partem de núcleos com muralhas de madeira, de palha, ou sem muralhas rumo aos sertões. Ao sair deste espaço atravessavam uma das duas "portas", ainda que às vezes elas sejam imaginárias; que marcavam suas vidas no cotidiano, Uma delas, sempre aberta para o exterior, em especial para o Reino Português. Por esta entravam escravos africanos, funcionários régios e religiosos a construir o Império; e saía as riquezas geradas pela colonização. A outra porta ao qual eles transpunham, abria-se para o sertão. Por ela passavam tudo e todos cuja missão era preencher aquele imenso vazio. Ao mesmo tempo, entravam, sobretudo, atração e medo.

A conquista árdua deste território desumano. É, antes incorporada nos sonhos, nas rezas, nos pesadelos; para ir depois ao mundo real. O vasto território desumanizado é transformando em um uma região colonial pelo domínio da terra e dos que nela habitavam. Podemos observar a citação abaixo, como caso exemplar deste processo:

“Quando o sertão era virgem, a tribo dos Caicós, celebre pela sua ferocidade, julgava-se invencível, porque Tupan vivia ali, encarnado num

touro bravo que habitava um intrincado mufumbal, existente no local onde está, hoje, situada a cidade do Caicó.

Destroçada a tribo, permaneceu intacto o misterioso mufumbal, morada de um Deus, mesmo selvagem.

Certo dia, um vaqueiro inexperto, penetrando no mufumbal, viu-se, de repete, atacado pelo touro sagrado, que iria, indubitavelmente, matá-lo. Rapidamente inspirado, o vaqueiro fez o voto a N. S. Sant'Ana de construir ali uma capela, si o livrasse de tamanho perigo.

Como por encanto, o touro desapareceu.

O vaqueiro destruiu a mata e iniciou, logo, a construção da capela” (Dantas, 1941: 96-97).

A destruição da mata, da tribo indígena, do Deus selvagem representa o domínio sobre Deus estrangeiro, a natureza e o outro. Em síntese, é a fundação de um espaço civilizatória, apenas por imprimir e trazer imagens da civilização.

Isto porque, os que emigraram inicialmente para este espaço eram pobres em recursos materiais. O que os impossibilitavam de empreender a edificação de estruturas institucionais semelhantes as que deixaram na metrópole. Contudo, tinham sentimentos apurados de orgulho, tanto que rejeitaram juntar-se a plebe em derredor dos senhores do litoral. Preferiram se instalar no interior com suas sesmarias requeridas. "*À custa de papel e tinta [unicamente](...). Pois alegavam possuir 'muita fábrica de gado de toda sorte'. Com isso, julgavam-se 'homens de qualidade'*" (Goulart, 1966:17).

Com as prerrogativas de “homens de qualidade” atrelado à criação extensiva de gado bovino sedimentou-se um tipo de cultura sertaneja. Marcada pela solidez da palavra empenhada, orgulho dos costumes, rigidez no caráter, sobretudo pelo código de honra, que podia ser ritualizado com a morte (Macedo, 1998).

Como se ver, sobre a base mítica, são acrescentadas outras estruturas de significados, sem, no entanto, alterar o sentido da moldura de couro. Aos poucos em torno da criação do gado edifica-se toda uma teia simbólica a dar sustentação e sentido as relações sociais no meio rural. Em volta dela, outras teias são confeccionadas para redimensionar a vida social e material.

Será sobre os corpos das reses que irá se desenvolver o reconhecimento de pertencimento de lugar, de propriedade, de parentesco, bem como de raça; por meio do ato de “ferrar”.

A demarcação de território de pertencimento de lugar inicia-se em razão das extensões das fazendas que as tornavam impossível de cercá-las, seja para delimitar

seus limites, seja para impedir que os rebanhos ultrapassem-se seus pastos. Havia, portanto, a necessidade de adotar ou inventar, um artifício para localizar a procedência das reses, a léguas de distância da fazenda de origem. A marca da ribeira¹, no lado esquerdo da rês, passa ser o dispositivo identificatório. Quando transportada para uma nova ribeira, seja quando vendida, seja quando para pastar por tempo indeterminado, o rebanho passava por uma nova remarcação.

Com a multiplicação das fazendas e da sua população são criados novos municípios, cada um respectivamente cria sua letra de ribeira, necessidade que se impunha por toda a zona do criatório.

Se a marca do lugar está inscrita na região lombar esquerda da rês. A marca do proprietário em meio à proliferação das fazendas será na região lombar direita, que podia ter ainda um número e carimbo. Os fazendeiros que possuíssem mais de uma propriedade numa mesma ribeira acrescentavam um carimbo referente às fazendas.

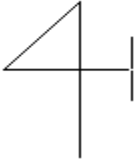
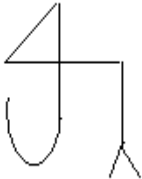
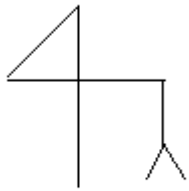
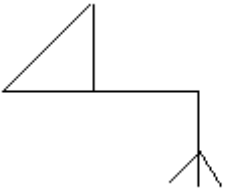
O ato de ferrar enquanto marca de propriedade estendi-se dos corpos das reses para os demais bens, a dá validade de posse. *“O ferro do cidadão tanto tinha valia em papel como em couro de bicho, móveis, arreios, panos, chocalhos e, em areias das pancadas do mar, até pés de pau. Tinha a marca do ferro do cidadão o valimento de sua assinatura e posse”* (Faria, 1984: 23-4).

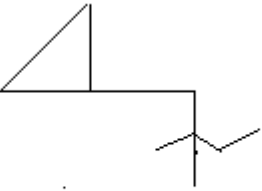
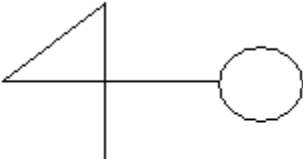
Estes sinais de re-marcação propiciavam ao sertanejo por meio do "caixão da marca", registrado nos livros da municipalidade identificar qual família pertenceu a rês, a ribeira a qual ela foi trazida; bem como parte de seus bens.

Assim, segundo Oswaldo Lamartine de Faria (1984:39) através do “caixão da marca” do ferro da família com as diferenças acrescidas pelos descendentes, se podia desvendar as árvores genealógicas dos sertanejos, numa relação temporal de até duzentos anos, como se ver abaixo:

| | |
|-------------------------|---------------|
| Caixão de Marca (ferro) | Proprietários |
|-------------------------|---------------|

¹ *“Distrito rural que compreende uns certos números de fazendas de criar gados. Cada ribeira se distingue das outras pelo nome do rio que a banha; e tem, além, um ferro comum a todas as fazendas do distrito, afora aquele que pertence a cada proprietário”* (Faria, 1984: 43). Com o tempo os limites da ribeira passo a designar freguesia, mais tarde os limites do município.

| | |
|---|---|
|  | <p>Por volta de 1739, SEBASTIÃO DE MEDEIROS MATOS, natural da ilha de São Miguel, do arquipélago de Açores, já usava o ferro ao lado, aplicado no seu gado que povoava e ribeira do Quipauá</p> |
|  | <p>BARTOLOMEU JOSÉ DE MEDEIROS, morador na mesma ribeira, neto do açoriano Sebastião Medeiros Matos, e que viveu de 1797 a 1894, possuía o ferro à margem, “descendente” daquele primeiro.</p> |
|  | <p>JOAQUIM ESTANISLAU DE MEDEIROS (1848-1921), filho de Bartolomeu José, e bisneto de Sebastião ferrava os seus rebanhos com o ferro representado à esquerda.</p> |
|  | <p>FRANCISCO LEANDRO DE MEDEIROS (1880-1927), filho de Joaquim Estanislau, já trineto do velho açoriano, era detentor do ferro, cujo desenho é reproduzido ao lado.</p> |

| | |
|---|--|
|  | <p>OLAVO SILVA DE MEDEIROS (1907), filho de Francisco Leandro de Medeiros, tetraneto de Sebastião, utilizava o ferro à margem, à época em que ainda possuía fazenda de gado na ribeira do Quipauá...</p> <p>Nota-se a conservação, por dois séculos, do mesmo “caixão” do ferro primitivo...</p> |
|  | <p>OLAVO DE MEDEIROS FILHO (1934), filho de Olavo Silva de Medeiros, 5º neto pela linha varonil de Sebastião de Medeiros Matos. O “quatro”, correspondente ao “caixão” do ferro da família Medeiros, persiste até hoje. Adotou o ferro do seu 6º avô, Rodrigo de Medeiros Rocha, pela circunstância de o mesmo apresentar a letra “O”.</p> |

Além disso, para o pesquisador o “caixão da marca” constituía um brasão sem cores nem cintilações da heráldica sertaneja, estampado a fogo ou pintado a leite de pinhão-bravo, onde não se podia imprime o ferro incandescente. Para nos, seja o “ferro” visto como escudo de armas, ou como emblema de família nobre, ele passou a ser um substituto em níveis imaginários aos Brasões Reais. Pois o acesso a terra era restrito aos “homens bons” ou de “qualidade”. Para julga-se “homens de calidade”, antes era necessário *“possuir 'muita fábrica de gado de toda sorte'.”* (Goulart, 1966:17). Deste modo, ter gado constituir a base para ser re-conhecido e, si re-conhecer enquanto *“de calidade”*, antes mesmo da posse efetiva da terra.

Daí, o imperativo de ostentar o ferro como uma insígnia de distinção. Tanto que os *“ferros com letras do alfabeto eram tidos como de criador novato, gente*

*que veio da praça ou do comércio e não teve o umbigo enterrado no mourão da porteira do curral*² (Idem., 1984: 34). Possivelmente, nesta relação, os ferros eram as linhas mais visíveis da fronteira entre *os estabelecidos e os outsiders* (Elis, 2000).

Já, na relação senhor|escravo existiam inúmeras linhas visíveis de fronteira entre *os estabelecidos e os outsiders*. Contudo, o gado como símbolo do homem branco (Brandão, 1977), será adquirido pelos escravos como um meio, de mais tarde comprar a liberdade. Como preservar a distinção através do gado entre senhor|escravo? Os escravos obtiam a concessão de criar suas reses nas terras do senhor e o direito de por suas “marcas”. Mas o ferro que as marcavam, não eram seus. Usavam com a permissão do senhor o ferro da fazenda de cabeça para baixo. Costume depois seguido nas reses obtidas por meio da sorte pelos vaqueiros livres.

Por isso, no povoamento do sertão vemos no ato de ferrar, “marcar”, o registro das relações sociais no sertão. Pois as instituições tornavam-se ausentes pela impossibilidade de serem transportadas por falta de condições materiais, de técnica, e, sobretudo, de um quadro de funcionário especializado. A marca enquanto um decalque simbólico vinha substituir as instituições ausentes, por fazer condensar representações de estruturas simbólicas de poder e de cognição, como indica a citação: “[os sertanejos] *ilhados do outro mundo, viviam em seus mundos e conheciam quase tudo o que era seu do que não era seu pelos desenhos dos ferros*” (Faria, 1984:28). Não é de todo duvidoso, que na atualidade haja uma revitalização de símbolos de distinção oriundos do mundo gado, promovido pelas vaquejadas e forrôs.

Bibliografia

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Peões, pretos e congos**. Goiânia: UNB, 1977.
DANTAS, Manoel. **Homens de Outr’ora**. Rio de Janeiro: Sebo Vermelho, 1941.
ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte**. Mossoró: Col. Mossoroense, Vol. CCXLI, Série C, 1984.
GOULART, José Alípio Goulart. **O ciclo do couro no Nordeste**. Rio de Janeiro: SIA|Ministério da Agricultura, 1966.
MACÊDO, Muirakytan K. de. **A penúltima versão do Seridó**. 1998. Natal. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFRN.

² As marcas mais antigas e tradicionais são formadas de desenhos-símbolos, transmitidas por gerações sucessivas de criadores.